

Revista Brasileira de Ciências Humanas

Data de aceite: 28/07/2025

CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE APLICADA DO COMPORTAMENTO NO AUTISMO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Aluciália de Sousa Braga

Graduanda da Especialização Análise
Aplicada ao Comportamento pela Faculdade
de Ensino Superior do Piauí –FAESPI

Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

Orientadora- Pedagoga, Psicóloga, Mestre
em Saúde Mental e Transtornos Aditivos pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-
UFRGS/Professora Universitária, IE: FAESPI

Todo o conteúdo desta revista está
licenciado sob a Licença Creative
Commons Atribuição 4.0 Interna-
cional (CC BY 4.0).



RESUMO: A Análise do Comportamento é uma ciência que se interessa pelo estudo das variáveis que afetam os comportamentos. O artigo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura envolvendo as propostas de terapia baseada na análise do comportamento aplicada dirigida a pessoas portadoras de distúrbios do espectro do autismo, contribuindo dessa forma para uma prática baseada em evidências científicas. Trata-se de um estudo de modalidade exploratória, por meio de uma revisão integrativa da literatura, cuja delimitação de busca foi realizada por descriptores do assunto de forma associada ou dissociada. A Análise do Comportamento (AC) contribui significativamente para o tratamento e compreensão do autismo, oferecendo estratégias baseadas em evidências para intervenções.

Palavras-chave: abordagem terapêutica-autismo-análise comportamental.

INTRODUÇÃO

A Análise do Comportamento é uma ciência que se interessa pelo estudo das variáveis que afetam os comportamentos (TODOROV; HANNA, 2010). A aplicação dos princípios dessa ciência para a resolução de demandas socialmente relevantes é chamada de Análise do Comportamento Aplicada (BAER; WOLF; RISLEY, 1987), vale ressaltar não se refere apenas ao autismo, mas em diversas áreas, como na clínica psicológica, educação, economia, no desempenho esportivo, dentre outros.

Normalmente é feita uma análise da função dos comportamentos que são importantes, em termos de arranjos ambientais e de variáveis motivacionais (consequências reforçadoras) para promover o desenvolvimento desses comportamentos (se ausentes) e seu fortalecimento, se eles ainda ocorrem de maneira rudimentar (SKINNER, 1968). Apesar da aplicação da Análise do Comportamento ocorrer em diversas áreas, percebe-se um crescimento

mais significativo desse tipo de intervenção na área do autismo, especialmente no formato de Intervenção Comportamental Intensiva (VIRUÉS-ORTEGA, 2010).

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) estuda as variáveis que afetam o comportamento humano, sendo assim capaz de modificar através da mudança de seus antecedentes, como por exemplo, algo que possa ter acontecido antes ter sido a causa para algum comportamento e suas consequências, que podem ser agradáveis ou desagradáveis determinando a possibilidade de que ocorram novamente. Para estes eventos a ABA usa métodos experimentais e sistemáticos de observação e mensuração dos comportamentos, os quais são definidos como aquelas ações dos indivíduos que são passíveis de serem observadas e mensuradas (MAYER, 2012).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que atinge aproximadamente 70 milhões de pessoas no mundo - 1% da população mundial (American Psychiatric Association [APA], 2013; Organização das Nações Unidas [ONU], 2016; Roane, Fisher, & Carr, 2016). Devido aos altos índices, observa-se o aumento de interesse de pesquisadores e de investimentos para a compreensão desse transtorno, sendo possível a identificação precoce, e a chance de tratamentos cada vez mais acessíveis e eficazes, sobretudo na infância.

O autismo é um transtorno do desenvolvimento infantil caracterizado por alterações nas interações sociais e na comunicação e pela presença de interesses restritos, fixos e intensos e comportamentos repetitivos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2013). Até o momento não se fala em cura para o transtorno, no entanto Intervenções Comportamentais Intensivas têm apresentado ganhos significativos no desenvolvimento de indivíduos com esse diagnóstico desde a década de 1980 (BOYD; CORLEY, 2001; CAMPBELL et al., 1987; DAWSON et al., 2010; LOVAAS, 1987; SMITH, 1999; VIRUÉS).

O Transtorno possui três características relevantes, que podem aparecer juntas ou de forma separada; são essas: dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação; dificuldade de socialização; e padrões repetitivos e restritos de comportamento (APA, 2013; Lemos, Salomão, & Agripino-Ramos, 2014).

Deste modo, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura envolvendo as propostas de terapia baseada na análise do comportamento aplicada dirigida a pessoas portadoras de distúrbios do espectro do autismo, contribuindo dessa forma para uma prática baseada em evidências científicas.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de modalidade exploratória, por meio de uma revisão integrativa da literatura, cuja delimitação de busca foi realizada por descritores do assunto de forma associada ou dissociada. A revisão integrativa segundo Sousa, Silva e Carvalho (2010) é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular.

A pesquisa teve cunho exploratório e ocorreu durante o segundo semestre de 2024, por meio de busca nas bases de dados do Google Acadêmico, MEDLINE, LILACS e Scielo e em artigos disponibilizados online, por meio de revistas eletrônicas e livros físicos, com prioridade em artigos e livros recentes (últimos 11 anos) e, excepcionalmente, fora desse intervalo que se fazer de suma necessidade. Para pesquisa foram utilizados os seguintes descri-

tores: abordagem terapêutica-autismo-análise comportamental.

Os critérios de inclusão compreendem artigos em português, espanhol e inglês, que respondem à pergunta da pesquisa, apresentam resumos completos nas bases de dados, disponíveis online, de forma gratuita, na íntegra, publicados entre 2013 a 2024.

Como critério de exclusão adotou-se para aqueles artigos que não tratam do assunto de interesse deste estudo; artigos com clara superação de entendimento (devido a mudanças na abordagem, por exemplo); artigos de fontes não consolidadas e/ou de cunho não acadêmico e artigos muito antigos que não sejam meramente conceituais.

A revisão cumpriu criteriosamente as seguintes etapas: formulação da questão norteadora; seleção de artigos tendo como base o ano de publicação; a seleção dos artigos por seus resumos e seleção pelo texto na íntegra e logo após, extração dos dados dos estudos incluídos; avaliação e interpretação dos resultados e por fim apresentação da revisão do conhecimento produzido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AUTISMO

O Autismo Infantil foi definido por Kanner, em 1943, sendo inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, como por exemplo: perturbações das relações afetivas como meio, solidão autística extrema, incapacidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e de incidência predominantemente no sexo masculino.

No que se refere ao termo “autismo”, sabe-se que não entrou no vocabulário comum logo e mesmo após ser “intitulado”, dificilmente as crianças das décadas de 1980, 1990, 2000, eram diagnosticadas com autismo. Todas as deficiências nessa época se enquadravam na categoria de “retardo mental” e, deste modo, foram tratadas de forma aquém ou não foram tratadas de nenhuma forma na rede pública de ensino. (PEREIRA, 2019).

O autismo é um espectro, o que significa que os sintomas e a seriedade do transtorno podem variar amplamente, dependendo de cada pessoa. Alguns indivíduos com autismo têm dificuldade em verbalizar, enquanto outros têm uma fala muito avançada. Algumas pessoas têm dificuldade em lidar com mudança, enquanto outras se adaptam com muita facilidade em novas situações (ROCHA, 2018).

Ainda de acordo com Rocha (2018) ao longo da história, o conceito de autismo passou a significar coisas diferentes. Inicialmente, estava inclusa na categoria CID que abrangia todos os tipos de deficiência; “Outras Dificuldades de Aprendizagem”. Devido pertencer a uma categoria vaga, as escolas públicas lidavam com essas deficiências de várias maneiras que são diferentes das estratégias frequentemente usadas para crianças com autismo hoje.

Hoje, o transtorno autista é encontrado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V (2014) como um subtipo dos chamados Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), acompanhados por outros distúrbios conhecidos como Síndrome de Rett (distúrbio genético do substrato que afeta as meninas), Transtorno Desintegrativo da Infância (desordem que também se manifesta nos primeiros anos de vida e após um período de desenvolvimento normal), Síndrome de Asperger (desordem um pouco menos incapacitante, que não apresenta atraso geral de linguagem clinicamente significativo) e TGD atípico ou não especificado, o grupo mais numeroso na prática clínica.

Ainda que o autismo continue sendo em grande parte um e ainda leve a muitos questionamentos a comunidade científica, é perceptível o aumento de estudos nas duas últimas décadas. Rivière (1995) atribui esses avanços a diversos fatores, dentre eles; os avanços na pesquisa neurobiológica, o aperfeiçoamento progressivo das explicações psicológicas e os fatos experimentais que eles têm, o entendimento do autismo como um distúrbio do desenvolvimento e a introdução do conceito de espectro autístico, a intervenção educacional efetiva e procedimentos de avaliação e diagnóstico, o consenso interprofissional cada vez mais eficiente, as informações que as próprias pessoas com autismo e familiares fornecem de dentro do transtorno e, finalmente, a pressão exercida pelas organizações nacionais e internacionais de pais e afetados para garantir uma qualidade adequada nos serviços necessários ao longo do ciclo de vida.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

As abordagens terapêuticas e educacionais dirigidas a pessoas com distúrbios incluídos no espectro do autismo (DEA) têm sido objeto de debates frequentemente influenciados por ideologias, modismos e política, por conta disso muitas vezes as evidências científicas, sua eficiência e validade social são desconsideradas. Propostas de intervenção baseadas no modelo da análise de comportamento aplicada (Applied Behavior Analysis – ABA) têm sido mencionadas como modelo excepcional e que tem seus resultados cientificamente comprovados (KLINTWALL, 2012).

A Análise Aplicada do Comportamento, mais conhecida no Brasil pela sigla em inglês ABA (Applied Behavioral Analysis) (Camargo & Rispoli, 2013; Ribeiro, 2010), está entre as abordagens usadas como método de intervenção comportamental no tratamento dos sintomas do autismo como já foi citado acima

por Klintwall (2012). Existe um grande número de metodologias de ensino intensivo da ABA para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), como o Modelo Denver de Intervenção Precoce (Early Start Denver Model), a Intervenção Comportamental Intensiva Precoce (Early and Intensive Behavioral Intervention - EIBI) e o Ensino por Tentativas Discretas (Discrete Trial Teaching - DTT) (Roane et al., 2016; Silva, Barboza, Miguel, & Barros, 2019).

A terapia ABA possui grande embasamento científico e tem sido o método de intervenção mais adotado, principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, para promover a qualidade de vida de pessoas com TEA (Camargo; Rispoli, 2013). Ele busca avaliar, explicar e modificar comportamentos. A Análise do Comportamento, que se estrutura sobre a ideia de que o comportamento é moldado pelo ambiente por meio das consequências. Desse modo, se um comportamento é seguido de uma consequência favorável (reforço), ele tende a continuar e até aumentar de frequência; mas se o comportamento não é reforçado, ou se o tipo de reforço usado não é mais gratificante, o comportamento tende a atenuar e até extinguir (Camargo & Rispoli, 2013, Fisher & Piazza, 2015; Nascimento & Souza, 2018, Roane et al., 2016).

A ABA foca em aprimorar comportamentos específicos, como habilidades sociais, comunicação, leitura, bem como habilidade de aprendizagem adaptativa, como coordenação motora fina, higiene, organização, capacidades domésticas, pontualidade e competência profissional. A ABA se mostra eficiente para indivíduos, seja ele criança ou adulto com distúrbios psicológicos em diversos ambientes, como por exemplo, escolas, locais de trabalho, residências e clínicas. Também foi demonstrado que ABA sendo aplicada de maneira constante pode melhorar expressivamente comportamentos e habilidades, tendendo a diminuir a necessidade de serviços especiais. (ANDRADE, et al, 2014)

De acordo com Oliveira Neto (2013), o objetivo da terapia ABA é aumentar os comportamentos que são benéficos e diminuir os que são prejudiciais ou que possam afetar o aprendizado. O reforço positivo é uma das principais táticas utilizadas na ABA; funcionando da seguinte forma, quando um comportamento é seguido por uma recompensa, provavelmente a pessoa repetirá esse comportamento, entende-se então que com o tempo, isso implicará em uma mudança positiva de comportamento. (PEREIRA, 2019)

Para maior entendimento de como funciona, primeiro, o psicólogo identifica um comportamento que ele tenha como objetivo, a partir daí sempre que o indivíduo usa o comportamento ou habilidade de maneira positiva, o mesmo recebe uma recompensa, vale lembrar que o bônus deve ser significativo para o indivíduo , podendo incluir elogios, brinquedo, livro, assistir um programa de tv, ir a um local que goste, como playground. (ANDRADE, et al, 2014)

Para saber se o método está sendo eficiente para o indivíduo, é necessário observações e exames constantes. O profissional responsável deve elaborar ricos em detalhes, a partir daí coletar dados e identificar se está acontecendo melhora das habilidades almejadas. Lembrando que, o método ABA só deve ser aplicada por profissionais na área de análise comportamental com experiência supervisionada e prática no método para pessoas com autismo. As experimentações originais da terapia comportamental trouxeram algumas vantagens importantes ao clínico: ele foi treinado na observação de comportamentos verbais e não verbais, tanto em casa, como na escola ou no consultório, o que é fonte de dados relevantes.

A partir das análises entende-se que recompensas positivas animam a pessoa a continuar usando determinada habilidade e com o tempo, podendo levar a uma mudança definitiva do comportamento. Já o reforço negativo

ocorre de maneira contrária. Sempre que um comportamento que saia do controle acontecer, um reforço negativo é atribuído, como uma repreensão, ou, nos tempos mais antigos, castigos. (OLIVEIRA NETO, et al, 2013)

Reiterando o trecho acima, Skinner (2006) afirma,

Quando um comportamento tem o tipo de consequência chamada reforço, há maior probabilidade de ele ocorrer novamente. Um reforçador positivo fortalece qualquer comportamento que o produza: um copo d'água é positivamente reforçador quando temos sede e, se então enchemos e bebemos um copo d'água, é mais provável que voltemos a fazê-lo em ocasiões semelhantes. Um reforçador negativo revigora qualquer comportamento que o reduza ou o faça cessar: quando tiramos um sapato que está apertado, a redução do aperto é negativamente reforçadora e aumenta a probabilidade de que ajamos assim quando um sapato estiver apertado (SKINNER, 2006, p. 43).

Em contradição a Oliveira Neto (2013) é importante lembrar que no que diz respeito aos reforços negativos, deve ser esclarecido não se trata de punição; o reforço negativo é prévio à resposta de fuga ou escape que deve ser reforçada; enquanto a punição é um estímulo aversivo que ocorre após a diminuição do comportamento. É importante observar que a punição não é usada pelas técnicas de modificação de comportamento, uma vez que já se comprovou que quando comportamentos são punidos não são extinguidos, mas suprimidos, enquanto a punição é uma ameaça

presente e pode aumentar a agressividade, especialmente em crianças.

Petersen e Wainer (2011) destacam a importância dos reforçadores na implementação das técnicas ABA e propõem regras básicas que devem ser levadas em consideração na escolha dos reforçadores para uso em programas de intervenção, para que eles sejam eficazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo do trabalho pode-se observar que a Análise do Comportamento (AC) contribui significativamente para o tratamento e compreensão do autismo, oferecendo estratégias baseadas em evidências para intervenções, como desenvolvimento de habilidades sociais como: comunicação, interação e cooperação.

Contribuindo também para redução de comportamentos como automutilação, agressividade e estereotipias assim como o aumento da independência, corroborando para desenvolvimento de habilidades para vida diária e autonomia.

Para que se obtenha respostas é necessário o uso de técnicas específicas e assertivas, como análise de cadeias comportamentais e auxiliam na identificação de sequências de comportamentos, condição de resposta que orienta o ensino de respostas adequadas a estímulos; e o reforço positivo onde se faz uso de recompensas para incentivar comportamentos desejáveis.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders DSM-5. Washington: APA, 2013.
- ANDRADE, A. G. C. et al. Manual da equipe aba e autismo, janeiro de 2014.
- BAER, D.; WOLF, M.; RISLEY, T. Some still-current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v.20, n.4, p.313-327, 1987.
- BOYD, R.; CORLEY, M. Outcome survey of early intensive behavioral intervention for young children with autism in a community setting. *Autism*, v.5, n.4, p.430-441, 2001.

CAMARGO, S. P. H., & Rispoli, M. (2013). Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial*, 26(47), 639-650. doi: 10.5902/1984686X9694

CARTAGENS, M. V., Castro, C. A. L., Almeida, G. K. F. C., Magalhães Y. C., & Almeida, W. R. M. (2016). Software baseado no método ABA para auxílio ao ensino aprendizagem de crianças portadoras de Transtorno Global do Desenvolvimento Autista.

CAMPBELL, M. et al. Treatment of autistic disorder. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, v.35, n.2, p.134-143, 1996.

DAWSON, G. et al. Randomized, controlled trial of an intervention for toddlers with autism: the Early Start Denver Model. *Pediatrics*, v.125, n.1, p. e17-e23, 2010.

FISHER, W. W., & Piazza, C. C. (2015). Applied Behavior Analysis. *The Encyclopedia of Clinical Psychology*, 1-5. doi: org/10.1002/9781118625392.wbecp205

KLINTWALL L, Gillberg C, Bölte S, Fernell E. The efficacy of intensive behavioral intervention for children with autism: a matter of allegiance? *J Autism Dev Disord*. 2012;42(2):139-40.

LEMOS, E. L. M., Salomão, N. M. R., & Agripino-Ramos, C. S. (2014). Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(1), 117-130.

MAYER, G. R.; SULZER-AZAROFF, B.; WALLACE, M. D. Behavior analysis for lasting change. 2. nd. Cornwall-on-Hudson, NY: Sloan Publishing, LLC, 2012.

OLIVEIRA NETO S. P. et al. G-TEA: Uma ferramenta no auxílio da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista, baseada na metodologia ABA, SBC – Proceedings of SB Games 2013.

PEREIRA, Márcia Cristina Lima. Pais de alunos autistas: relatos de expectativas, experiências e concepções em inclusão escolar. Brasília: UCB, 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Brasília, 2019.

PETERSEN, C. S; WAINER, R. Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RIBEIRO, S. H. ABA: uma intervenção comportamental eficaz em casos de autismo. *Revista Autismo*. São Paulo, v. 0, set. 2010. Disponível em <http://www.revistaautismo.com.br>

ROANE, H. S., Fisher, W. W., & Carr, J. E. (2016). Applied Behavior Analysis as Treatment for Autism Spectrum Disorder. *The Journal of Pediatrics*, 1-6.

RIVIÈRE, Angel. O desenvolvimento e a educação da criança autista. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação: Revista Vento e Movimento, FACOS/CNEC Osório, v.1, n.1, abr.,2012 necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ROANE, H. S., Fisher, W. W., & Carr, J. E. (2016). Applied Behavior Analysis as Treatment for Autism Spectrum Disorder. *The Journal of Pediatrics*, 1-6. doi: 10.1016/j.jpeds.2016.04.023

ROCHA, S. M. C. da. Por dentro da linguagem lúdica do autismo: políticas e práticas no ensino fundamental. UFPB, João Pessoa, 2018.

SKINNER, B. F. The technology of teaching. New York: Appleton-CenturyCrofts, 1968.

SKINNER, Burrhus Frederic. Sobre o Behaviorismo. Traduzido por Maria da Penha Villalobos. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TODOROV, J.; HANNA, E. Análise do comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.26, n. 25ANOS, p.143-154, 2010.

VIRUÉS-ORTEGA, J. Applied behavior analytic intervention for autism in early childhood: Metaanalysis, meta-regression and dose-response meta-analysis of multiple outcomes. *Clinical Psychology Review*, v.30, n.4, p.387-399, 2010.